



AVANTE!



Boletim Nacional da RECC nº 07 - Primeiro Semestre de 2012 - www.redeclassista.blogspot.com

MOVIMENTO ESTUDANTIL

História e Concepção

O Movimento Estudantil (ME) esteve, sobretudo nas décadas de 60 e 70, à frente das principais lutas protagonizadas no Brasil. De lá para cá, muito mudou. É preciso reverter este quadro, e voltarmos a exercer um papel central na luta por uma educação de qualidade ao povo e contra as injustiças de classe. Um bom começo para isto é resgatarmos a história de lutas estudantis do passado. A partir daí, observar criticamente a realidade atual e traçar perspectivas de reorganização.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL (ME) NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Apesar de titubeante entre setores liberais antipopulares e a esquerda desde seu nascimento em 1937, UNE (União Nacional dos Estudantes) esteve na vanguarda das lutas deste período. Por se manter com independência perante o Estado antes do golpe militar de 64, as organizações estudantis se tornaram as principais forças que iniciaram as reações contra a ditadura. Inicialmente, a motivação da luta foi contra a chamada “Lei Suplicy”, que retirava a autonomia da UNE e instituiu uma estrutura de “movimento” controlada pelo regime militar.

A partir daí, entre o ano de 1965 e início da década de 70, a UNE toma claramente uma direção combativa. Influenciada por organizações como a AP (Ação Popular), ALN (Ação Libertadora Nacional), VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) e dissidências do PCB (Partido Comunista Brasileiro), a UNE, passando por um período ímpar em sua história, se orienta por uma luta revolucionária ao lado dos trabalhadores, utilizando de táticas de enfrentamento contra o regime militar e capitalista.

Os estudantes tinham diante de si, grosso modo, duas grandes razões que os levavam à luta: as condições e organização do ensino e a própria ditadura. A luta contra a primeira esteve marcada na negação dos acordos entre o MEC com a USAID, órgão vinculado ao Departamento de Estado dos EUA; e a luta contra a ditadura expressava não somente a negação da dura repressão militar, mas contra o próprio capitalismo e em defesa do socialismo.

Iniciado logo após o golpe, o Acordo MEC-USAID, que veio a público em torno de 67, previa a assessoria de técnicos estrangeiros para auxiliar o governo militar na formulação de uma nova política educacional no Brasil. Esta ação era parte do esforço de difusão ideológica e assessoria financeira e militar do imperialismo estadunidense na América



PASSEATA DE ESTUDANTES EM 4 DE JULHO DE 1968 (RJ)

Latina, desde o período pós 2ª Guerra, para fazer frente ao socialismo a nível mundial que se apresentava como alternativa ao capitalismo.

As características do Acordo MEC-USAID se expressaram, substancialmente, na Reforma Educacional de 68, que se caracterizava pela “racionalização”, “economia de recursos”, “aproveitamento das condições disponíveis” etc. Na prática, isto significava a criação do vestibular unificado e classificatório, criação de cursos superiores “enxutos” de menor duração, fim de disciplinas como Filosofia e Sociologia no ensino médio, inclusão de cursos técnicos nas escolas, incentivo ao ensino pago (privatizado), criação das fundações privadas, enfim, tudo para deixar o ensino “rentável”, adaptado às necessidades do desenvolvimento capitalista.

Apesar de tal Reforma ter buscado dar respostas ou neutralizar as palavras de ordem das crescentes e intensas manifestações estudantis, não eram exatamente o que o ME reivindicava. No entanto, cabe ressaltar uma dupla característica do Movimento Estudantil do período em questão: o classismo e a combatividade. Seu caráter classista expressava através de sua vinculação orgânica com a luta da classe trabalhadora, entendendo que os estudantes e a educação de uma forma geral devem se ligar aos interesses do povo trabalhador, e não com

os interesses individualistas da “classe média” por ascensão social ou dos capitalistas. Questionava-se o caráter burguês por trás do regime militar.

A combatividade era expressa pelas formas e táticas de luta, onde não se buscava conciliar com o governo, mas acirrar o enfrentamento. À época, eventos como as Revoluções Russa, Chinesa e Cubana, a resistência do Vietnã aos ataques imperialistas dos EUA, o levante do povo parisienses em maio de 68, a luta dos Panteras Negras nos EUA contra o racismo, enfim, todas estas inspiraram a luta da juventude brasileira. Assim, os estudantes se utilizavam de ações diretas, seja através de greves, piquetes, passeatas com barricadas, confrontos abertos com os militares e etc. Por ser um setor de grande combatividade, os estudantes foram alvo de muita repressão. Mesmo assim, são vários os registros de milhares de estudantes nas ruas. Estas são algumas das características que não devem ser esquecidas, mas retomadas na atualidade.

NÃO ESQUECEMOS, NEM PERDOAMOS!

Entidades como UNE e UBES, combativas na época, hoje traíram os estudantes. Definitivamente, passaram a defender a vontade do governo petista e dos empresários da educação. Por não servirem mais à luta classista e independente, nosso dever é reorganizar o ME através de uma rede de oposições estudantis de base que se contraponha ao modelo de ME aparelhado pelos partidos reformistas, eleitores e ligado aos interesses da burguesia.

A disputa da memória e da verdade é um campo da luta de classes. E a melhor forma de resgatar o passado daqueles que como Bergson Gurjão, Edson Luís, Honestino Guimarães e tantos outros, ousaram lutar por justiça, mas foram alvos da repressão civil-militar, é reuplicar sua ousada luta no presente. E é guiado por uma educação a serviço do povo que devemos trilhar nossa História. Como disse Honestino Guimarães:

“Sei que a luta será longa e árdua, mas acredito firmemente na força da atuação coletiva das massas”

28 DE MARÇO: DIA NACIONAL DE LUTA DOS ESTUDANTES



CORPO DE EDSON LUÍS SENDO VELADO POR SEUS CAMARADAS

28 de Março é celebrado o Dia Nacional de Luta dos Estudantes. Esta data homenageia o secundarista Edson Luís de Lima Souto que em 1968 foi assassinado com tiros a queima roupa pela Polícia Militar, no Rio de Janeiro. Fora o primeiro estudante que tombou morto diante da ditadura. Ele participava de um ato no restaurante estudantil Calabouço, foco de grandes mobilizações, reivin-

dicando melhorias na alimentação, diminuição no preço e o término das obras do local. A PM adentrou o restaurante metralhando indiscriminadamente, deixando vários feridos e outros mortos, como o estudante Benedito Frazão Dutra, que faleceu dias depois.

O corpo de Edson Luís foi levado imediatamente pelos próprios companheiros para ser velado na Assembleia Legislativa, e depois por cerca de 50 mil pessoas para ser sepultado. Nem sua missa de 7º dia foi poupada, onde os militares voltaram a atacar os presentes na igreja da Candelária, deixando outros feridos. A morte de Edson Luís gerou comoção e revolta nacional. Organizaram-se nos meses seguintes combativas passeatas e greves gerais com milhares de pessoas em mais de 20 cidades em todo Brasil, às quais tiveram mais presos, feridos e outros mortos pela ditadura. Este ano completam 44 anos de seu assassinato.

Coincidentemente, o dia 28 de março é tam-

bém a data de nascimento do estudante Honestino Monteiro Guimarães, que completaria em 2012, 65 anos de idade. Honestino era militante da Ação Popular (AP) e destacada liderança no ME do Distrito Federal nos anos de chumbo. Exerceu a presidência da UNE quando esta esteve na clandestinidade entre 71 e 73, ano em que foi preso e, certamente, morto pela ditadura. Lembrado por sua inteligência e obstinação socialista, deixou um grande legado. Como dizia: “Ainda que nos prendam, ainda que nos matem, mesmo assim voltaremos e seremos milhões”.

Em decorrência desta data, a RECC todos os anos faz questão de manter viva a memória do camarada Edson Luís. E de todos aqueles que foram perseguidos, torturados ou assassinados enfrentando a sanguinária ditadura civil-militar da burguesia. Convocamos os estudantes do Brasil para celebrarem a data, realizando em suas escolas e cidades atividades entre a semana de 25 a 31 de Março. Não podemos permitir que apaguem nossa história e nossa luta, tal como assassinaram nossos camaradas. O esquecimento é a morte. A memória é um princípio da luta. E a luta é a vida. ■

Entre a semana do dia 25 a 31 de Março ocorrerá nas cidades de Salvador, Fortaleza, Goiânia, Brasília, Rio de Janeiro e Marília atividades da SEMANA NACIONAL CLASSISTA E COMBATIVA. Confira as programações no site da RECC: www.redeclassista.blogspot.com

Em memória e justiça aos mortos pela ditadura! Não esquecemos nem perdoamos! Edson Luís vive!

MOVIMENTO ESTUDANTIL DAS PAGAS

AS FACULDADES E UNIVERSIDADES PAGAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NEOLIBERAL

* Artigo escrito ao *Avante!* pela OECI - Oposição Estudantil Combativa e Independente ao DCE-UCSal.

Com a crise do capitalismo nos anos 70, houve a necessidade do capital se reorientar para dar continuidade de forma mais eficiente ao seu projeto de acumulação e exploração. No que se refere à organização do trabalho, surgiu o sistema de produção flexível, o toyotismo, e na escala macroeconômica o neoliberalismo e sua “liberdade econômica”. Ambas as modificações nas relações no seio da sociedade geraram enormes prejuízos à classe trabalhadora. É nesse contexto da reestruturação produtiva que ocorre um crescimento demasiado de Faculdades pagas no Brasil.

A grande maioria dos estudantes do ensino superior brasileiro está dentro das faculdades e universidades pagas. Tal fato comprova que o sistema educacional expressa uma grande contradição: Uma contradição de classes! De fato, a maior parte dos estudantes do ensino básico estuda nas escolas públicas em condições precárias. As melhores escolas desta modalidade de ensino são as particulares. Contudo, no que se refere ao ensino superior, esta lógica se inverte. Os estudantes oriundos das escolas públicas pagam para estudar nas instituições privadas,

com qualidade contestada, sendo que as Universidades públicas continuam restritas há um grupo de privilegiados.

Esta consideração inicial foi para dizer que os estudantes filhos da classe trabalhadora lotam as faculdades pagas. Mas qual é a real condição dos estudantes das Pagas no contexto do neoliberalismo? Desde a ditadura civil-militar, os estudantes das Universidades pagas do tipo confessional/filantrópica, lutaram por uma educação de qualidade. A perspectiva classista de aliança com a comunidade destas instituições – estudantes, professores e servidores – deixou de legado uma cultura política, a qual se manifestou na existência de um movimento estudantil contestador, protagonista na construção de uma nova Universidade. Contudo, o que se vê hoje nestes espaços é um Movimento Estudantil aparelhado por uma política parlamentarista, de cunho governista cuja centralidade de sua atuação não está na luta dos estudantes e sim nas disputas de espaços burocráticos visando à manutenção do projeto hegemônico.



Por outro lado, com o processo de expansão das Faculdades pagas no contexto do neoliberalismo, os estudantes destas instituições sofrem diversos ataques no âmbito educacional, assim como no mundo do trabalho, visto que grande parte dos estudantes das pagas também é trabalhador. Como suas faculdades surgiram no bojo do processo neoliberal, com concepção mercadológica, totalmente voltada para o mercado, não se esboçou uma cultura política que fizesse frente à situação em que a educação se encontra: tornada mercadoria.

Sem organização ficamos reféns do oportunismo. É preciso fazer um processo de formação política numa perspectiva classista junto à comunidade dessas faculdades. Construir um movimento estudantil combativo e independente por uma educação de qualidade a serviço da classe trabalhadora. ■

Avante o Movimento Estudantil Classista e Combativo!!!

OS ATAQUES CONTRA A EDUCAÇÃO E A NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL SECUNDARISTA

O Governo Lula foi o responsável pela maior onda de reformas neoliberais no Brasil desde o começo da década de 90, em especial no campo da educação. Ignorando o já rebaixado PNE de FHC (ano 2000), Lula aplicou um conjunto de pacotes recortados para a Educação, o PDE (Plano de Desenvolvimento Educacional) baseado no PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Os programas do PDE tinham por objetivo desenvolver o avanço quantitativo da Educação em vários níveis, a partir de seus distintos programas, dentro de uma concepção neoliberal regida pelas metas do Educação para Todos (organização educacional do Banco Mundial) e desenvolvidas pelo Todos Pela Educação (organização educacional da burguesia nacional: Globo, Gerdau etc.).

Essa massificação da educação ocorreu ancorada pela precarização e privatização da mesma, basta observar a primeira leva de pacotes do PDE em 2007. São eles o Reuni, o PROUNI e a UAB. Esses 3 programas, dentre outros, ficaram conhecidos como primeiro pacote do PDE em 2007. Em 2009, o Governo Lula promulgou outros projetos semelhantes, tendo como norte o Novo Enem que falsamente prometia acabar com o vestibular e seu consequente funil. Um desses programas, que aparecia enquanto consequência das mudanças curriculares oriundas do Novo Enem, foi o ProEMI (Programa Ensino Médio Inovador).

O ProEMI foi aplicado em 2009/2010 apenas em algumas escolas piloto, em especial em centros de excelência. Já passado essa fase de experiência, o objetivo do MEC é que esse projeto possa estar sendo aplicado massivamente nas escolas brasileiras no período 2012/2013. O ProEMI, como dito, vem impondo uma mudança curricular no ensino médio baseado nas modificações do Novo Enem, ou seja de cima para baixo, e como são apenas 4 eixos no Novo Enem a ideia é que assim o seja também no ProEMI. A partir do desmembramento das atuais disciplinas em 4 eixos temáticos; Ciência, trabalho, cultura e tecnologia. Aumentando também a carga horária escolar para dois turnos, propiciando uma articulação de disciplinas optativas que serão, na maior parte, ministradas pelo Sistema "S" (SESC, SENAI, SESI).

O que o Governo Dilma fez, foi apenas consolidar a política neoliberal para a Educação de Lula, que se dava em pacotes em separado. Agora, em um único plano, o governo concretiza os interesses neotecnicistas do Banco Mundial para o ramo educacional, este é o PNE (Plano Nacional de Educação). Dilma, além do PNE teve como carro-chefe para a educação o PRONATEC, que cria parcerias com o Sistema S no ensino técnico. Dessa forma, articulando todos esses planos, Dilma (PT/PMDB) cria as bases para o retorno da Educação tecnicista que teve seu auge no período da Ditadura Civil-



Militar (1964-1989) no Brasil. Não somos contra a educação técnica e a preparação para o trabalho, mas o que o governo do PT faz é destruir as bases propedêuticas, a transmissão dos conteúdos historicamente sistematizados pela humanidade, para substituir por uma educação voltada para o capital brasileiro em expansão, expansão essa oriunda da precarização do trabalho (terceirizações, desregulamentações trabalhistas). A estratégia do governo/Capital é utilizar da mão de obra dos secundaristas em forma de estágio e programas (como o “primeiro emprego”) sem conceder os direitos da CLT, superexplorando o estudante proletário.

No Brasil, na época da Ditadura, as maiores mobilizações estudantis como a marcha dos cem mil (1968), tinha dentre outras bandeiras a luta contra o acordo MEC-USAID que instituiu, principalmente, o tecnicismo no ensino médio brasileiro, distanciando o estudante do conhecimento científico. Na França quando tentaram aplicar um projeto semelhante em 2006, os estudantes dos bairros periféricos franceses atearam fogo a centenas de carros como forma de protesto.

NOSSA DESORGANIZAÇÃO IMPEDE A RESISTÊNCIA, E FACILITA A POLÍTICA NEOLIBERAL DO GOVERNO

Ao contrário de 68 e das recentes mobilizações na Grécia e no Chile, no Brasil esses projetos vem sendo aplicados com facilidade, pois não encontram resistência por parte dos movimentos sociais de massa. Isso ocorre por que: a) A proposta do ProEMI está sendo vendida como algo progressivo, inclusive ligado à chavões da esquerda como “ontologia do trabalho” e “instrução integral”, o que não é; b) O próprio governo estar presente no seio do movimento estudantil secundarista através da Ubes que não apenas apoiou o ProEMI, mas faz parte de seu comitê gestor.

O pouco debate sobre essa reforma no ensino médio, inserida no PDE e agora parte do bolo

neoliberal sistemático do PNE, deve-se também a omissão da maior parte das correntes e entidades que estão fora do Governo, como a Anel e a Oposição de Esquerda/UNE. Isso se deve a sua perspectiva pequeno-burguesa (policlassista) que só vê o Movimento Estudantil Universitário e não possui nenhuma política para o Ensino Médio e Técnico, ficando esses setores completos reféns do Governismo, pois o Para-Governismo estudantil (Anel e OE/UNE) é totalmente incapaz de superar os muros das universidades. Sua política de parlamentarismo estudantil, no qual a disputa por cargos em entidades como os DCE's são um fim em si mesmo, apenas reforça essa política, pois não tendo os grêmios tanto poder enquanto moeda de troca como os DCE's para esses setores, não procuram sequer sua organização.

Essa desorganização do movimento secundarista é mais sintomática nas lutas contra o aumento de passagem por todo o Brasil, como os casos recentes de: Natal, Rio de Janeiro e Recife. No qual os estudantes secundaristas eram o principal contingente nos atos. Mas a desorganização desses estudantes resultou em mais um ano de atuação pontual nas capitais que ocorreram aumento de passagem. A não disposição de organizar de fato esses estudantes por parte das correntes para-governistas resultou em mais uma vez os secundaristas serem utilizados apenas como bucha de canhão/burro de carga, seja das correntes para-governistas seja pelas máfias de carteira de estudante (UNE, UBES, etc.).

A desorganização do movimento secundarista impede o prolongamento da luta histórica pelo Passe-Livre Estudantil. Pois essas manifestações, apesar de serem importantes, geralmente tem vida curta, a luta pelo passe-livre deve-se dar também nos locais de estudo com agitação e propaganda constante, e não apenas em períodos pontuais.

Para conseguirmos o Passe-Livre estudantil irrestrito e barrarmos esse nefasto ataque via ProEMI é preciso que os estudantes secundaristas retomem o espírito combativo de 68, no qual os enfrentamos diretamente as forças repressoras contra a reforma MEC-USAID (que guarda muitas semelhanças com o ProEMI). É preciso retomar o espírito de classe e se aliar ao restante da classe trabalhadora em uma união proletária-estudantil, unindo todas as frações do proletariado na luta contra as reformas neoliberais.

A RECC faz assim, a defesa de que é necessário que os estudantes secundaristas voltem a se organizar, lembrando seu passado valente, através de organismos de base, como: grêmios combativos, oposições a grêmios pelegos (traidores) ou coletivos de colégio para lutar contra os ataques neoliberais que operam por reformas na educação. Resgatando assim a combatividade como concepção de luta, tal como nos anos 60 onde o M.E secundarista alcançou seu auge em organicidade e classismo. ■

PLENÁRIA CLASSISTA E COMBATIVA 2012

CONSOLIDANDO ALIANÇAS ANTIGOVERNISTA NO BRASIL

Ocorreu no dia 28 de janeiro de 2012 em Porto Alegre/RS mais uma edição da Plenária Nacional Classista e Combativa organizada pela RECC, com o objetivo de articular e expandir nacionalmente sua militância para os enfrentamentos desse período. A Plenária ocorreu paralela e autônoma ao clima festivo e despolitizado do Fórum Social Temático criado pelo governismo.

A Plenária de 2012 realizou-se numa conjuntura ainda marcada pelos efeitos da crise mundial de 2008 representados em medidas de austeridade contra o povo europeu, nas batalhas populares no Chile pela educação pública, nas greves ocorridas na educação e nas obras do PAC (RO, RJ, PE, CE,)



BLOCO DA RECC PROPAGANDEANDO A PLENÁRIA NO ATO DE ABERTURA DO FÓRUM

no aumento do nível de repressão às lutas populares, por educação (UNB, UNIR, USP, perseguição a professores e secundaristas no CE), por transporte (protestos contra o aumento da passagem no PI, ES, RJ etc.) e moradia (a combativa luta do Pinheirinho e demais remoções). Arrocho, repressão e superexploração foram as medidas do governo Dilma (PT/PMDB) e do capital para o povo.

O tema geral da Plenária foi “O PNE neoliberal de Dilma/PT e o desafio dos estudantes combativos no Brasil”, realizada pela manhã no CPERS-Sindicato. Contou com participação de estudantes da UFC, UNB, UFG, UECE, UVA, UCSAL, UNESP, UFF e secundaristas do Colégio Adauto Bezerra (CE), Escola Técnica de Brasília e Centrão de Planaltina (DF). Além de contar com a participação ou moção de apoio de oposições sindicais do campo e da cidade: Oposição de Resistência Classista (Educação/RJ), Pró Oposição Combativa na Educação (CE), Construção pela Base (Educação/RG) e Liga Sindical Operária e Camponesa (LSOC/SP). Tivemos exposições da mesa acerca do ME combativo e sobre o PNE, seguido do debate que girou em

torno dos programas educacionais e as estratégias e táticas de luta dos estudantes combativos.

Pela tarde tivemos a discussão acerca das campanhas de luta para esse ano, entre elas “Liberdade de organização e propaganda estudantil! Abaixo as perseguições!” como resposta a repressão ocorrida sob o movimento secundarista. E em seguida os GDs de movimento de curso, entre eles Filosofia, Pedagogia, História e também secundaristas. Encerramos seguindo a tradição das outras edições da Plenária Nacional cantando o hino mundial dos trabalhadores, a Internacional.

A Plenária Nacional representa um momento impar de discussão qualitativa. A partir dos informes das lutas em lugares distintos do Brasil, percebemos um padrão de ofensiva do governismo e do capital sobre trabalhadores e estudantes do campo e da cidade. Assim como o papel imobilista das entidades ligadas ao governo (UNE/PCdoB/UBES/CUT/PT) e amortizador (pacifista, burocrático, conciliador) das paragovernistas (ANEL/PSTU, OE/PSOL). As atuais forças governistas e burocráticas no interior do ME que barram o desenvolvimento combativo da luta dos estudantes confirmam o acerto histórico da RECC em agir por um programa antigovernista e combativo como forma de avançar na reorganização do ME pela base. ■

CONSTRUÇÃO NACIONAL DA RECC

CRESCER EM CADA ESCOLA O PODER DAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS

Da década de 80 para cá passamos por um importante ciclo da luta de classes. A marca de seu início é o surgimento de entidades como MST, CUT e UNE. Desde então, PT e PCdoB foram as principais direções destas entidades, ambos partidos reformistas. Como reformistas, levaram a classe à ilusão de que seus anseios deveriam ser atendidos através da vitória eleitoral de tais partidos nas eleições do Estado burguês, como se fosse possível representação dos trabalhadores nesta máquina. E é com a vitória de Lula que este ciclo da luta de classes se degenera, trazendo um recuo das organizações de massa, pois tal “vitória” as subordinou ao parlamentarismo.

É neste contexto que surge a RECC, buscando, ao mesmo tempo, superar o vazio deixado pela UNE e lutar contra as Reformas Neoliberais que o governo Lula impunha à educação. Surgida em 2009, a RECC é uma corrente do Movimento Estudantil (ME) que pretende tornar-se de massas. Somos guiados pelos princípios intransponíveis do **anti-governismo**, da **democracia de base**, da **autonomia frente partidos e governos**, da **combatividade**, do **anti-reformismo**, da **ação direta**

e do **classismo** – pois compreendemos o ME como uma fração da classe trabalhadora.

Situada no amplo campo socialista, a RECC não faz nenhum corte teórico-ideológico específico, como anarquista ou comunista, mas sim um corte político de classe, estando ao lado da luta dos trabalhadores. Nosso modelo de organização é construído de baixo para cima, através de coletivos e oposições de base. Estes coletivos e oposições organizam-se para atuar nas suas escolas e universidades, através de uma unidade nacional dada pela Rede.

Desde 2009, atuamos em diversos encontros estudantis e sindicais, expandindo nossa organização entre escolas do ensino médio, técnico e superior. Com um crescimento lento, porém firme, hoje podemos visualizar nossa expansão com Comitês de Apoio (CPs) ou organizações em processo de ingresso nos estados da Bahia, Goiás e São Paulo; além do Ceará, Distrito Federal e Rio de Janeiro, presentes desde o início.

O ingresso para a construção nacional da RECC é realizado através de **encontros presenciais e virtuais para discussão política**, a fim de



mantermos nossa unidade. Utilizamos o documento “*Teses de Construção*”, disponível em nosso blog, para iniciar este debate. Além da discussão política, estimulamos a **construção de coletivos ou oposições de base**, pois não ingressamos individuais nas localidades onde não temos núcleo orgânico: são estes organismos que construirão a Rede. A efetivação do ingresso é formalizada pela Coordenação Nacional da RECC, conquanto haja acordos com nossos princípios, teses, organização e o programa em construção, **expressos por documentos lançados pelos ingressantes**.

Convocamos os estudantes combativos e anti-governistas de todo o país a tomar parte na construção nacional da RECC, esta ferramenta da luta estudantil. Ousar lutar, ousar vencer! ■

RECC Oposição Classista e Combativa ao DCE da UFC (CE); Oposição Combativa Classista e Independente ao DCE da UnB (DF); Coletivo Luta Sociais! (UnB - DF); Coletivo Território Livre (UnB); Coletivo Pedagogia em Luta (UFC); Coletivo Serviço Social em Luta (UFF - RJ). **COMITÊS DE APOIO (CPs)**: Oposição Classista, Combativa e Autônoma ao DCE da UFG (GO); Oposição Estudantil Combativa e Independente ao DCE da UCSAL (BA); Estudantes da UNESP/Marília (SP).